

A estela de Dã

The stele of Dan

La estela de Dan

José Ademar Kaefer

Resumo

Em 1993/94, foram encontrados, no sítio arqueológico de Dã, extremo norte de Israel, três fragmentos de pedra de basalto, contendo inscrições em aramaico antigo. As peças, que pertenciam a uma estela maior, foram juntadas e formaram um texto compreensível. O conteúdo das inscrições trouxe revelações interessantes para o estudo da história de Israel em meados do século 9 a.C. Por exemplo: é a primeira vez que a “Casa de Davi” é mencionada em um escrito fora da Bíblia; a estela revela que a dinastia de Omri dominou por um período os territórios de Damasco; que o autor da estela, provavelmente o rei Hazael de Damasco, matou os reis Jorão de Israel e Ocozias de Judá, episódio que na Bíblia é conhecido como a revolta de Jeú (2Rs 9-10) e que impôs seu domínio sobre os dois reinos. Estas informações ampliam e dão nova direção ao estudo de um período da história de Israel, até recentemente pouco conhecido.

Palavras-chave: Tel Dã; arqueologia; escavações; estela; Israel; Bíblia; história; Hazael; Jeú.

Abstract

In 1993/94 were found in the archaeological site of Dan, extreme northern Israel, three fragments of basalt stone with inscriptions in ancient Aramaic. The pieces, which belonged to a larger stele, were put together and formed a comprehensible text. The content of the inscriptions brought interesting revelations for the study of the history of Israel from the mid 9th century BC. For example: it was the first time that the “House of David” is mentioned in a document out of the Bible. The stele shows that the dynasty Omri dominated by a period the territories of Damascus. The author of the stele, probably king Hazael of Damascus, slew the kings Joram of Israel and Ahaziah of Judah, in an episode known in the Bible as the revolt of Jehu (2 Kings 9-10), and imposed his rule over both kingdoms. This information amplify and give new direction to the study of a period in Israel’s history, until recently little known.

Keywords: Tel Dan; archeology; excavation; stele; Israel; Bible; history; Hazael; Jehu.

Resumen

En 1993/94 se encontraron en el sitio arqueológico de Dan, extremo norte de Israel, tres fragmentos de piedra de basalto con inscripciones en arameo antiguo. Las piezas, que pertenecían a una estela más grande, se unieron y formaron un texto comprensible. El contenido de las inscripciones ha traído revelaciones interesantes para el estudio de la

historia de Israel del mediado del siglo noveno a.C. Por ejemplo: es la primera vez que la “Casa de David” es mencionada en un escrito fuera de la Biblia. La estela evidencia que la dinastía de Omri dominó por un período los territorios de Damasco. El autor de la estela, probablemente el rey Hazael de Damasco, mató a Joram, rey de Israel, y Ocozías de Judá, en el episodio de la Biblia que se conoce como la revuelta de Jehú (2 Reyes 9-10), y impuso su dominio sobre ambos reinos. Estas informaciones amplifican y dan un nuevo rumbo para el estudio de un período en la historia de Israel, poco conocido.

Palabras claves: Tel Dan; arqueología; excavación; estela; Israel; Biblia; historia; Hazael; Jehú.

Palavras a e de Milton Schwantes¹

O interesse pela arqueologia do Antigo Oriente Próximo no Brasil é muito recente, mas vem crescendo a passos largos. Um dos grandes incentivadores desse despertar foi, sem dúvida, o professor Milton Schwantes. Nas décadas de 1980-1990, ele começou a trazer para a sala de aula o estudo dos sítios arqueológicos e a levar seus alunos a conhecer as escavações nas terras da Bíblia.

Como movimento, a arqueologia começou no final do século 19 e se intensificou nas primeiras décadas do século 20. E hoje, nas palavras do próprio Milton Schwantes: “a arqueologia se tornou indispensável para a leitura bíblica”. Pois, quando a Bíblia fala, por exemplo, de uma cidade ou de uma aldeia, nem sempre traz informações suficientes para sabermos como era a vida ali: sua economia, as relações sociais, festas, crenças, geografia etc. Temos que nos reportar, então, a uma enciclopédia que, graças às escavações arqueológicas, nos permite saber de coisas que o texto bíblico não revela, coisas que por muito tempo estavam ocultas sob as pedras. Obviamente, não obtemos todas as informações, pois muitas ainda permanecem enterradas, à espera de serem encontradas.

Um segundo aspecto que Milton Schwantes costumava repetir era: “Uma coisa é estudar um sítio arqueológico em sala de aula, outra bem diferente é tocar o chão do sítio, sentir com os pés, conhecer com os olhos, compreender com a contemplação”. “Mas”, alertava ele, “apesar da relevância da arqueologia, ela não substitui o texto. O texto é o texto.” E, assim é. Particularmente porque a arqueologia tem dificuldades para encontrar artigos, objetos que falam do cotidiano da vida do povo pobre, das aldeias, das vilas, das casas, das tendas, da vida do povo nômade. Isso não se preserva, pois é logo destruído pelo tempo. É mais fácil para a arqueologia encontrar grandes construções: palácios, templos, muralhas, portões, monumentos etc., que falam da vida dos reis, do exército, da elite, dos ricos..., dos grandes da cidade. Mas, dos pobres que viviam fora dos muros, nas aldeias, na montanha, no deserto, é mais difícil encontrar sinais. Eles existem, mas encontrá-los exige maior atenção e, obviamente, interesse. Por exemplo, um material de uso diário do povo e que o tempo não deteriora é a cerâmica. Pequenos potes para guardar leite, azeite, água, além de lâmpadas, eram objetos de uso comuns nas aldeias. Eles podem ser achados importantes para contar a vida do povo. Também a semente de oliva, por sua consistência, se preserva por longo tempo, principalmente em regiões áridas. O óleo de oliva, além de alimento básico nas aldeias,

¹ Algumas das falas de Milton Schwantes aqui registradas se encontram no DVD que a Verbo Filmes está organizando para homenageá-lo.

era muito usado em lamparinas. A presença de sementes em grande número em um local determinado pode revelar que, no passado, havia ali uma aldeia.

Portanto, a arqueologia não substitui o texto, mas o auxilia. E, assim, deve ser. É comum, nos últimos anos, estudiosos do mundo bíblico afirmarem que as recentes descobertas arqueológicas contradizem o texto bíblico, porque apresentam outras verdades. Isso não é correto. A Bíblia vê e narra a realidade com a preocupação de mostrar a ação de Deus na história, coisa que a arqueologia não tem como escavar. Sua função é de fazer a leitura preliminar da sociedade, da maneira mais neutra possível. A partir daí, os exegetas devem adentrar ao texto bíblico. O que não se pode fazer, para uma boa exegese, é cometer o disparate de ignorar as descobertas arqueológicas.

Por que a Estela de Dã? Pensamos que, para fazer memória a Milton Schwantes, uma boa maneira é fazê-lo com um artigo no campo que foi uma das suas grandes paixões, a arqueologia. Escolhemos a Estela de Dã porque o seu achado criou um grande impacto na arqueologia do mundo da Bíblia e que, provavelmente, ajudará a mudar o rumo da compreensão da história de Israel. Outro motivo é por ser um tema ainda bastante desconhecido nos círculos bíblicos da América Latina.

1. Tel Dã

O Tel Dã, também conhecido como Tell el-Qadi, está localizado no extremo norte de Israel, próximo ao Monte Hermon. Na Bíblia, a antiga cidade de Dã serve comumente de referência para falar do limite norte de Israel. É conhecida a expressão “de Dã até Bersabeia” (cf. Jz 20.1; 1Sm 3.20; 2Sm 3.10, 1Rs 5.5). Dã também é conhecida pelo bezerro de ouro que, segundo 1Rs 12.26-33, Jeroboão I instalou ali para que o povo não fosse ao templo de Jerusalém. No mapa bíblico costuma aparecer duas Dã. Conforme Josué 19.40-46 e Juízes 1.34-35, Dã está localizada na região noroeste da Palestina, tendo Efraim ao norte, Benjamin a leste e os filisteus ao sul. Porém, em Josué 19.47-48 e Juízes 18 encontramos a tribo Dã migrando para o norte, onde se apodera de Lais. Depois de conquistar a cidade, os danitas lhe mudam o nome para Dã (Cf. KAEFER, 2006, p. 147-161).

Dã, um dos maiores *Telim* escavados em Israel, é conhecido pela exuberante paisagem verde. Diferentemente dos demais sítios arqueológicos, situados em sua maioria em regiões áridas, com pouca ou nenhuma arborização e sob um sol escaldante no verão, o Tel Dã encanta pela abundância da água e pelo verde. Boa parte do sítio é cortado por uma das nascentes do rio Jordão que alimenta o bosque em seu entorno.

As escavações começaram no ano de 1966 e uma das descobertas mais relevantes foi o sistema de três portões do período do Bronze Médio, unido à muralha da cidade. Um quarto portão foi datado no período do ferro, comumente chamado de portão israelita. Temos aqui um dos melhores exemplos para entender o papel do portão na vida social do povo da cidade daquela época. Com um grande espaço público, ali funcionava o tribunal, onde os anciãos se reuniam para julgar ou para testemunhar acordos (Rt 4.1-11); as pessoas se encontravam para falar da vida (Sl 69.13); o rei, vez por outra, fazia audiência (2Sm 19.9); os profetas denunciavam as injustiças feitas aos pobres e os julgamentos iníquos dos juízes (Am 5.10-12.15; Zc 8.16-17; Jó 5.4).

Por volta da primeira metade do século 9, Dã foi administrada provavelmente pelos reis de Israel, Omri e Acab. Nesse período, a cidade atingiu um grande desenvolvimento. Um solitário testemunho disso é o enorme altar, com três metros de altura e com quatro chifres, encontrado no extremo oeste da cidade. Hoje representado por uma estrutura metálica, foi construído em continuidade a uma antiga e ainda bem

preservada *Bamah* (lugar alto). Depois desses achados, as escavações em Dã ficaram interrompidas por um longo tempo, sendo retomadas com intensidade no final do século 20.²



Representação do altar de quatro chifres do Tel Dã (Foto María Luján)

2. A Estela de Dã: fragmentos A, B1 e B2

Em 1993³, uma equipe coordenada pelo arqueólogo Avraham Biran, do Hebrew Union College, encontrou um pedaço de pedra de basalto contendo inscrições em aramaico, ainda bem conservadas. Logo se percebeu a importância do achado e que este era parte de uma estela maior que havia sido quebrada. Apesar de partida, foi possível formar um texto compreensível com as inscrições. Seguiram-se, então, um sem número de artigos que tratavam essencialmente da tradução e do conteúdo das inscrições.⁴ As escavações, entretanto, continuavam, em busca de outros possíveis fragmentos da estela. Avraham e sua equipe concentraram o trabalho na base da muralha da cidade. Encontraram, então, ali, perto do grande portão de entrada, uma fantástica *bamah*⁵ de 4,50 metros de comprimento por 2,50 metros de largura. Na parte dos fundos, que encostava à muralha, havia três *massebot*⁶, na forma de pedras de basalto. A maior

² Na nossa recente visita ao Tel Dâ com um grupo de professores, foi possível verificar a intensidade das escavações nesse sítio arqueológico.

³ Mais especificamente em 21 de julho de 1993.

⁴ Veja o comentário referente a essa descoberta no artigo de Avraham Biran e Joseph Naveh (1993, p. 81-98).

⁵ Que as Bíblias comumente traduzem por “lugar alto”, em referência a um lugar de culto popular, normalmente fora do controle do Estado, mas nem sempre.

⁶ Representações de divindades.

media 1,17 metros de altura, a do meio, 0,73 e a menor, 0,50. Em frente à *massebah* maior, sobre uma base decorada, havia uma tigela de basalto que servia para queimar incenso. Sobre a *bamah* e ao seu redor foram encontrados sinais de fogo e grande quantidade de cinzas. É difícil definir o período histórico em que essa *bamah* foi construída. Uma hipótese é que seja do século 8 a.C., por volta do ano 730, o que sugere que seria um marco construído pelos assírios, que tomaram a cidade de Israel, Norte, nesse período.



Bamah com réplicas das três *massebot* ao fundo. Foto: María Luján Manzotti.

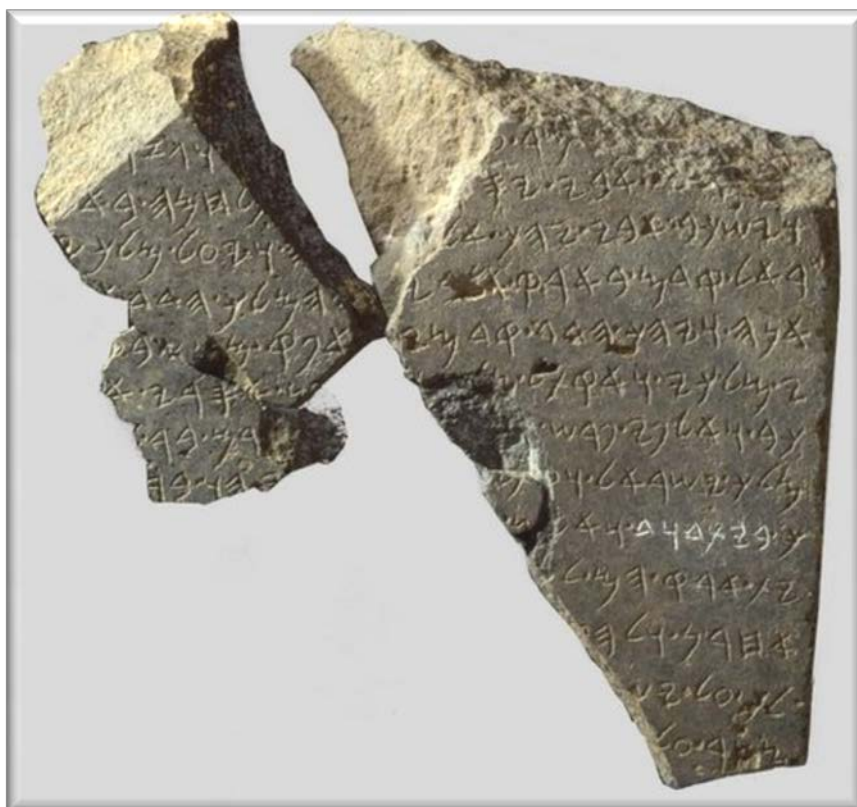
As escavações seguiram com intensidade e os trabalhos foram recompensados. Em 20 de junho de 1994, praticamente um ano depois, foi encontrado perto da *Bamah*, cerca de dois metros de distância, mais um pedaço de pedra de basalto contendo uma inscrição de seis linhas, também em aramaico. Este, menor que o anterior, supunha-se ser também parte da estela maior, e foi denominado pelos arqueólogos de fragmento B1, enquanto que o primeiro, encontrado em 1993, foi chamado de fragmento A (cf. BIRAN; NAVEH, 1995, p. 1-18). As escavações continuaram ao longo da muralha e foi descoberto um pavimento de pedra seguindo a base dela, em torno de 5 metros de largura por 25 de comprimento. A uma distância de 40 metros do portão de entrada, foram encontradas cinco *massebot*. A cerâmica escavada no local situa o pavimento de pedra no final do século nono e início do século oitavo a.C.

No dia 30 de Junho de 1994, foi achado, junto ao pavimento escavado, o terceiro pedaço. Estava cerca de oito metros ao norte, onde foi encontrado o Fragmento B1. Era o menor dos três: media 10 x 9 cm e continha quatro linhas de inscrições. Esse terceiro pedaço, denominado de Fragmento B2, havia sido utilizado como outra pedra qualquer para a construção do pavimento. Fora colocado exatamente onde o pavimento se unia à muralha.

Os arqueólogos escavaram todo o pavimento de pedra. A cerâmica encontrada no mesmo nível em que os fragmentos foram encontrados demonstra que a estela deve ter sido ereta por volta de meados do século nono a.C. Uma coisa parecia certa: o fragmento B2, juntamente com todo o pavimento, havia sido encoberto pelos destroços da conquista assíria, com Teglat-Falasar III, em 733/732 a.C. Assim, ele não poderia ter sido posto ali depois desta conquista (Cf. BIRAN; NAVEH, 1993, p. 86.). No entanto,

as escavações não revelaram quando a estela foi quebrada e por quem. Biran sugere que tenha sido Joás (798-783), neto de Jeú, que, segundo 2 Reis 13.25, retomou as cidades de Bem-Adad, filho de Hazael. Ou então, que, foi Jeroboão II (783-743) o qual, conforme 2 Reis 14.25, restabeleceu as antigas fronteiras de Israel (cf. BIRAN; NAVEH, 1995, p. 8). Entendemos, porém, que a essa altura, ou seja, depois da derrocada de Jorão (841 a.C.), Israel não teve mais forças para reconquistar os territórios perdidos para Damasco, a não ser como vassalo da Assíria. Por isso, é bem provável que a estela tenha sido destruída pelo poderoso rei assírio Adad-Nirari III (810-783), que pôs fim à hegemonia arameia, quando derrotou o filho de Hazael, Bar-Adad III.

As duas peças, B1 e B2, foram juntadas, formando a peça B, cujo tamanho ficou em torno de 20 x 12 cm. Elas foram juntadas ao fragmento A, que media 32 x 22.⁷ Estimase que a estela inteira media em torno de 1 metro de altura por meio de largura (cf. BIRAN; NAVEH, 1993, p. 84).



scienceblogs.com.br

Uma vez juntadas as três partes, começou o quebra-cabeças para fazer a tradução. Felizmente, os caracteres nos fragmentos eram bastante nítidos, além de as palavras serem separadas por pontos, o que facilitava sua leitura. Porém, uma vez que grande parte da estela ainda não foi encontrada, organizar um texto coeso tornou-se uma tarefa bastante difícil. Primeiro, foi montado um texto a partir só do Fragmento A, encontrado em julho de 1993. Obviamente, esse texto foi revisto com os dois achados posteriores, assim como as discussões acerca da interpretação do conteúdo. Vejamos a tradução.

⁷ A estela, com os três fragmentos, se encontra no Hebrew Union College Museum, NY.

- ¹ [.....] e cortou [.....]
² [.....] meu pai foi [contra ele quando) ele lutou em [.....]
³ E meu pai deitou-se, ele foi para seus [ancestrais]. E o rei de I[s-]
⁴ rael entrou previamente na terra de meu pai. [E] Hadad me fez rei.
⁵ E Hadad foi à minha frente, [e] eu parti de [os] sete [....-]
⁶ s do meu reino, e eu matei [sete]nta rei[s], que utilizavam milha[res
de bi-]
⁷ gas e milhares de cavaleiros [ou cavalos]. [Eu matei Jeho]rão filho de
[Acab]
⁸ rei de Israel, e matei [Ocoz]ias filho de [Jehorão re]i
⁹ da Casa de Davi. E transformei [suas vilas em ruínas e tornei]
¹⁰ sua terra em [desolação.....]
¹¹ outro [..... e Jehú rei-]
¹² nou sobre Is[rael.....e pus]
¹³ cerco sobre [.....]

Na montagem da estela acima, pode-se ver distintamente as três partes: a maior (A), a do meio (B1) e a menor (B1). Embora pequenos, os fragmentos B1 e B2 trazem informações importantes para compreender melhor o Fragmento A. Por exemplo, nas linhas 7 e 8 os nomes dos dois reis se encontram nos fragmentos B1 e B2: Jorão (*Yehoram*), que reinou em Israel de 852-841, e de Ocozias (*Ahazieah*), que reinou em Judá de 843-842. Isso possibilitou definir, com grande probabilidade, que o autor da Estela foi o rei Hazael, que reinou em Damasco de 845 a 800, apesar do seu nome não aparecer na Estela. Na linha três, a expressão “E meu pai deitou-se, ele foi para seus [ancestrais]”, também parece apontar para Hazael como autor. A expressão “deitou-se” provavelmente se refere à doença do rei Bem Hadad que o deixou acamado antes de morrer. Essa descrição condiz com 2Rs 8.7-15, que narra que Bem Adad estava doente quando foi morto por Hazael. A mesma expressão encontramos em 2 Reis 9.16 para falar do rei Jorão de Israel, que estava acamado por motivo dos ferimentos que sofrera na guerra contra o rei Hazael, em Ramot de Galaad.

A finalidade da composição provavelmente era para homenagear os feitos do rei Hazael, que se orgulha de ter derrotado setenta reis (linhas 6 e 7) com grandes exércitos que usavam milhares de bigas (carros de guerra). É possível, portanto, que este motivo estivesse escrito no alto da estela. Porém, é de se questionar se o intrépido rei já tivesse todo esse potencial de derrotar uma coalisão de setenta reis logo no início do seu reinado. Por isso, A. Lemaire (1998, p. 3-14), por exemplo, traduz na linha 6, os “setenta reis” por “dois reis” e “milhares de bigas” por “duas mil bigas”. Na linha 7, “milhares de cavaleiros” por “dois mil cavaleiros”. Seu argumento é de que setenta reis seria um número muito grande. Além disso, em todo Transeufrates, só havia 32 reis. Um dos primeiros a optar por essa tradução foi T. Muraoka (1995, p. 19-21), assim que a Estela foi encontrada, quando ainda Avraham Biran e Joseph Naveh defendiam ser essa a tradução mais lógica.

Portanto, ao escrever dois reis, e não setenta, o rei Hazael estaria se referindo só aos reis Jorão, de Israel, e Ocozias, de Judá. Ou seja, o autor (Hazael) estaria orgulhoso por ter derrotado dois reis poderosos, o que seria uma testemunha da força de Israel e Judá nesse período. No nosso entender, é possível, ainda, que “setenta” seja uma expressão

⁸ A tradução ao português foi feita a partir da organização e tradução ao inglês de Biran e Naveh (1995, p. 9-13).

que queira representar a totalidade do número dos reis, como em Juízes 9.2s.; 2 Reis 10.1-11. Portanto, setenta estaria se referindo a todos os reis que formaram a coalisão anti-Damasco.

Logo que a estela foi encontrada, em 1993, a atenção se voltou especialmente para a expressão na linha nove “Casa de Davi”, em hebraico: **dwđtyb** (*bytdwd* ou *bitdvd*), que se encontra em destaque acima. Isso porque esta é a primeira vez que o nome Davi, mais precisamente, Casa de Davi, aparece em um escrito extrabíblico. Por esta razão, a descoberta provaria a existência de Davi, que começava a ser posta em dúvida. Permanece, no entanto, ainda um pequeno grupo de estudiosos que sugere que as letras que compõem o nome Davi, em hebraico **dwd** (*dwd*) signifiquem “amado”, palavra que se escreve com as mesmas letras, mas que se lê *dôd*, e que seria um epíteto para Javé. Portanto, a expressão *bytdwd* não seria “Casa de Davi”, mas “Casa do amado”. Um caso semelhante encontramos na Estela de Mesa. Ali, o rei Mesa se vangloria de ter tomado a cidade de Atarot de Israel e de ter trazido de lá o altar de seu *dôd* (amado) e de tê-lo arrastado diante de seu Deus Kamos (cf. KAEFER, 2006, p. 171-172). Na Bíblia, este uso é muito comum no livro Cântico dos Cânticos, onde a amada fala do seu amado usando a expressão *dôd* (**dAd**), mais comumente “meu amado” (**ydiAD**). Na Estela de Mesa, certamente a expressão *dwd* significa “amado”, em referência à divindade de Israel, no caso, Javé, embora haja quem insista na possibilidade de se tratar de Davi. Esta mesma certeza podemos aplicar à Estela de Dã, na qual a expressão *dwd* certamente significa Davi, ou seja, “Casa de Davi” (*bytdwd*).⁹ Portanto, na nossa compreensão, parece não haver dúvidas de que, por meados do século IX, a “Casa de Davi” ou a dinastia davídica era conhecida na região da Síria, o que evidentemente lhe confere relativa importância.

3. A Estela de Dã e a Estela de Mesa

Na nossa compreensão, no entanto, tão ou mais importantes quanto a menção à casa de Davi são as demais informações contidas na Estela. Elas acrescentam novos e relevantes dados para a compreensão da história de Israel. Segundo os relatos bíblicos, Israel sempre teve relações muito conturbadas com os seus vizinhos do norte, os arameus, cuja capital era Damasco. Conforme relatam os livros de 1 e 2 Reis, desde o início da dinastia omrida, 885 a.C. (cf. 1Rs 16.23s.), até a morte de Jorão, 841^a.C. (cf. 2Rs 9.22s.), último da casa de Omri, houve conflito contínuo com os arameus. Portanto, durante o auge do poder de Israel. Em contrapartida, nesse mesmo período Israel teve uma relação de relativa amizade com os fenícios. Prova disso é a aliança que existia entre os dois poderes selado com o casamento entre o rei Acab de Israel e a filha do rei Etbaal de Sidônia, a princesa Jezabel (cf. 1Rs 16.31s.). Pacto esse que resultou na adoção de Baal como divindade nacional de Israel, ao lado de Javé. É nesse período que Israel expande seu domínio: em direção ao norte, conquista Dã; em direção ao sul, conquista Judá; em direção ao leste, conquista várias cidades da Transjordânia, muitas delas pertencentes a Damasco. Mas a expansão israelita não durou muito tempo.

Com a morte de Acab, por volta de 853 a.C., o poder de Israel começa a declinar. Nesse período, também a aliança com a Fenícia caminha para o seu fim. A morte de Jezabel é o sinal mais evidente dessa crise (cf. 2Rs 9.30s.). Os primeiros territórios a

⁹ Para aprofundar essa discussão veja Rebdsburg (1995, p. 22-25).

iniciar a luta de libertação do domínio israelita são os da Transjordânia, que provavelmente eram, antes, colônias arameias. A Estela de Dã (cf. acima) relata que Israel dominou por um período o território arameu. Assim diz nas linhas 3 e 4: “E o rei de I[s-]rael entrou previamente na terra de meu pai”. A Estela de Mesa¹⁰, encontrada em 1868 por um missionário alemão, em Dibón, ao sul do território amonita, perto de Aroer, é uma excelente fonte para compreender como se deu a perda dos territórios transjordanianos.¹¹ Vejamos parte da inscrição:¹²

¹Eu sou Mesa, filho de Camos [...], rei de Moab,
²o dibonita. Meu pai era rei sobre Moab trinta anos, e eu era rei
³depois de meu pai. Eu construí este lugar alto para Kamos em Qeriho
[...], ⁴porque ele me salvou de todos os assaltos e me fez triunfar sobre
meus inimigos. ⁵Omri era rei sobre Israel e humilhou Moab por
muitos dias, pois Camos estava encolerizado com sua terra. ⁶Seu filho
o sucedeu, e também ele disse: “Eu humilharei Moab”. Em meus dias
ele falou [...], ⁷mas eu triunfei sobre sua casa. Israel pereceu para
sempre. Omri se havia apoderado da terra ⁸de Medeba, e a habitou em
seus dias e metade dos dias de seus filhos, quarenta anos. Mas em
meus dias, ⁹Kamos a habitou. E eu construí Baal-Meon e fiz depósitos
de água nela, e construí¹⁰ Qiriaton. Os habitantes [o homem] de Gad
habitaram a terra de Atarot desde sempre, e o rei de ¹¹Israel tinha
construído Atarot para si. Eu combati a cidade, eu a tomei e eu matei
todo o povo¹² da cidade como oferenda a Kamos e Moab. Eu trouxe de
lá o altar de seu *Dôd* e ¹³o arrastei diante de Kamos em Qeriot. E eu fiz
habitar ali homens de Saron e homens ¹⁴de Maharot. E Kamos me
disse: “Vai, e toma Nebo de Israel!”¹⁵ Eu fui de noite e lutei contra ela
desde o amanhecer até à tarde.¹⁶ Tomei-a e matei tudo, sete mil
homens, meninos, mulheres, meninas¹⁷ e concubinas, porque eu os
havia condenado ao anátema para Astar-Kamos. E eu tomei de lá os
[...] ¹³de JHVH e os arrastei diante de Kamos”.

A inscrição, composta de 24 linhas, segue relatando as conquistas de Baal-Meon (Js 13.17) de Medeba (Nm 21.30), Atarot (Nm 32.3.24), Dibon (Nm 21.29), Aroer (Js 13.16), Bet-Bamot (Js 13.17) etc., cidades situadas na região sul da Transjordânia, entre Moab e Amon. Conforme a estela, Mesa, o rei moabita, as tomou das mãos da dinastia omrida de Israel. Ou seja, sem querer, o rei Mesa nos informa até onde chegou o território dominado por Israel, e quão poderoso era Omri, citado duas vezes, e seus descendentes. O filho de Omri, mencionado na linha 6 da Estela de Mesa, certamente é Jorão (852-841), o mesmo que aparece na Estela de Dã, na linha 7. Portanto, as Estelas de Dã e de Mesa são contemporâneas, possivelmente até do mesmo ano. H. Gressmann (1926/1965, p. 440-442) situa a Estela de Mesa por volta do ano 840, enquanto que J. B. Pritchard (1950, p. 320) opta por uma data um pouco mais tardia, por volta do ano 830.

Um texto paralelo e que serve de grande referência para a localização da Estela de Mesa é 2 Reis 3, particularmente os v. 4 e 5: “Mesa, rei de Moab, era criador de gado e pagava ao rei de Israel cem mil cordeiros e lã de cem mil cordeiros. Mas quando Acab morreu, o rei de Moab se rebelou contra o rei de Israel”.

¹⁰ A estela tem 1,10 m. de altura por 0,60 de largura e se encontra no museu do Louvre, Paris.

¹¹ Cf. Kaefer, 2006, p. 169-177) e Galleasso (2008).

¹² A tradução ao português foi feita a partir da tradução de Gressmann (1926/1965, p. 440-441) e Pritchard (1969, p. 320).

¹³ “Utensílios”.

É impressionante a similaridade da narrativa histórica entre o escrito da estela e o texto bíblico, no nosso modo de entender, um caso único.

Particularmente surpreendente é o papel das duas divindades, JHVH e Kamos, na conquista dos territórios. Javé, conhecido na Bíblia por sua característica libertadora (cf. Ex. 3.7-14), na Estela de Mesa aparece como um Deus conquistador. A estela revela também que, apesar da forte presença do culto a Baal em Israel nesse período, o Deus nacional era Javé.

Enfim, pelo conteúdo das duas estelas, é preciso reconhecer que, durante a dinastia omrida, Israel, Norte, atingiu um período de esplendor não alcançado até então. Esse período foi pouco investigado pelos pesquisadores do mundo da Bíblia, possivelmente porque os olhos sempre estiveram demasiadamente voltados para Judá e sua capital, Jerusalém.

4. A Estela de Dã e a revolta de Jeú

O livro de 2 Reis, capítulos 9 e 10, narra o que nos comentários bíblicos é denominado de “a revolta de Jeú”. Como vimos acima, com a morte de Acab, Israel começa a perder seus territórios na Transjordânia. É bastante provável que, detrás das rebeliões dos vassalos israelitas, está o interesse do poderio arameu. É nesse contexto que Jorão, filho de Acab, convoca o seu fiel vassalo, o rei Ocozias de Judá, para auxiliá-lo na guerra contra o rei Hazael de Damasco, em Ramot de Galaad (cf. 2Rs 8.25-29). O texto é econômico nas palavras. O que se informa é que Jorão, rei de Israel, é atingido durante a batalha, sendo, por isso, obrigado a retornar a Jezrael para tratar dos ferimentos. Jorão, rei de Judá, também deixa a batalha e vai fazer companhia ao seu colega ferido. No lugar do rei ferido, à frente do exército israelita, fica o comandante Jeú. Este se aproveita da ausência dos dois reis e se autoproclama rei de Israel. Reúne os que lhe são fiéis, entra em Jezrael, onde se encontram os dois reis que, sem desconfiar do repentino regresso do seu comandante, são mortos à traição (cf. 2Rs 9). Depois de matar os reis Jorão e Ocozias, Jeú se apressa em eliminar a representante da aliança fenícia, a princesa Jezabel, bem como todos os descendentes da família real (2Rs 10). Vitorioso em Israel, o massacre se estende para o sul, Judá, com grande genocídio.

Papel estratégico é dado pela narrativa bíblica ao profeta Eliseu. Primeiro, ele vai, em nome de Javé, a Damasco para ungir a Hazael como rei, no lugar de Bem-Adad (2Rs 8.7-13). Depois, envia um discípulo seu ao campo de batalha, em Ramot de Galaad, para ungir a Jeú, no lugar de Jorão (2Rs 9.1-10). Portanto, para a narrativa bíblica, a ação de Jeú, mais que um golpe de interesse político para pôr fim à dinastia omrida e à aliança Israel-Fenícia, é uma rebelião religiosa para restaurar o javismo e pôr fim ao baalismo em Israel e Judá.

Essa é, de maneira resumida, como 2 Reis 9-10 relata a mudança de poder que ocorreu em Israel e Judá em meados do século IX. A Estela de Dã, no entanto, apresenta uma versão diferente desses fatos. Ela relata que foi o autor do escrito da Estela, com grande probabilidade, Hazael, que matou os reis Jorão de Israel e Ocozias de Judá, e não Jeú. Além disso, a estela deixa transparecer que foi Hazael quem, depois de matar os dois reis, instalou Jeú no poder. Ou seja, que a subida de Jeú ao poder foi orquestrada pelo rei Hazael de Damasco. De fato, a arqueologia vem encontrando cada vez mais indícios que comprovam a força do reino de Damasco na segunda metade do século IX, mais especificamente, no período do reinado de Hazael (845 -800). Poder esse que se estendeu sobre os territórios de Israel e Judá, tornando-os vassalos seus. Por exemplo, na inscrição de Salmanassar III (PRITCHARD, 1969, p. 276-281), o rei da Assíria (858-

824) relata a grande vitória que obteve contra a coalisão arameia, encabeçada por Hazael.

Na inscrição, Salmanassar III intenta difamar o rei Hazael, chamando-o de “filho de ninguém”, numa provável referência ao fato de este não pertencer à linhagem real. Curiosamente, em 2 Reis 8.7s, Hazael aparece como um oficial do rei Bem-Adad. Ali, ele também se apresenta como um ninguém, quando Eliseu lhe anuncia que será rei: “quem é esse teu servo? Como um cão poderá realizar tão grande feito?” (2Rs 8.13). No dia seguinte, aproveitando-se da enfermidade que acometia Bem-Adad, Hazael assassina o rei em seu leito e se torna rei em seu lugar (2Rs 8.15).

A usurpação do poder por um “filho de ninguém” também parece transparecer na Estela de Dã. A insistência de Hazael em se referir a “meu pai”, pelo menos três vezes, parece querer esconder o seu papel de usurpador, não pertencente à linhagem real. Temos um caso semelhante em 1 Samuel 24.12, onde Davi, que não pertencia à linhagem real, chama Saul de “meu pai”. Enfim, usurpador ou não, não há como negar a importância do rei Hazael à frente do reino arameu e seu domínio sobre Israel e Judá. Não por acaso a Bíblia cita seu nome 23 vezes, das quais, 18 vezes só em 2 Reis.

Portanto, a Estela de Dã ajuda a compreender melhor o episódio narrado por 2 Reis 9-10, normalmente conhecido como a revolta de Jeú. Entendemos que a Estela de Dã não contradiz o texto bíblico, mas o amplia. Ela esclarece partes que se encontram implícitas na narrativa bíblica. Por exemplo, na batalha de Israel e Judá contra Damasco, vista acima, o fato de os dois reis terem sido forçados a se retirar do campo de batalha é uma evidência de que a guerra estava pendendo para o lado arameu e que a usurpação do poder por parte de Jeú não se dava sem os interesses arameus. Os atos seguintes, morte de Jezabel e o extermínio da descendência omrida (2Rs 9.30-10,17), também é evidente que têm como maior favorecido o rei de Damasco. Da mesma forma, o relato da expansão da revolta de Jeú para sul, Judá, com a morte de Atalia e a entronização de Joás (2Rs 11). A narrativa não se preocupa em esconder o fato de que Judá se tornara vassalo do rei Hazael (cf. 2Rs 12.18-19). Enfim, melhor que dizer que a Estela de Dã contradiz a narrativa bíblica, é mais coerente afirmar que ela auxilia na sua compreensão. Pois, há que se ter em conta, que o texto bíblico se preocupa em narrar o ocorrido a partir da perspectiva javista, fazendo entender que as ações referentes a Israel e Judá são sempre da iniciativa de Javé, seu Deus, assim como Hazael o faz em perspectiva do seu Deus, Hadad, e de si próprio.

As escavações no Tel Dã continuam com grande intensidade. Recentemente foi encontrada uma enorme muralha do período do bronze, prova da importância que a cidade tinha já em tempos remotos. O todo da muralha ainda está sendo escavado, o que deixa em aberto a possibilidade de novas descobertas.



Muralha do período do bronze escavada recentemente (Foto: María Luján)

À maneira de conclusão

Não temos dúvidas em afirmar que a Estela de Dã é um excelente achado para a compreensão de um período histórico que sempre foi relegado a um segundo plano: a História de Israel, Norte, a partir da dinastia omrida. Dois fatos ficam evidentes: um, é o poderio e a expansão de Israel no período omrida, inclusive sobre Judá. Outro, é que, após a queda da Casa de Omri, se instalou em Israel, e consequentemente em Judá, o domínio do poder arameu, que durou em torno de 50 a 60 anos, tendo o rei Hazael como um dos seus principais protagonistas. Essas conclusões não são resultado apenas das descobertas arqueológicas, mas também do estudo literário crítico dos textos sagrados. Muito antes de a arqueologia desenterrar tais provas, a análise literária já apontava nessa direção.

Portanto, se, de um lado, o fabuloso império de Judá, com Davi e Salomão, está desmoronando, de outro, se está descobrindo uma nova grandeza: Israel, Norte. Isso, sem dúvida, é fascinante. Contudo, tão importante quanto o desafio de resgatar a História de Israel, Norte, é a tarefa de reconstruir sua produção literária. Com grande probabilidade, boa parte da literatura bíblica antes do exílio é oriunda das tradições e narrativas de Israel, Norte, que, depois da queda em 722 a.C., migrou para o sul e lá foi reinterpretada a partir da ótica de Judá. Entre elas está a tradição do Êxodo.

Epílogo: voltando a Milton Schwantes

No início do nosso ensaio, falávamos das dificuldades que a arqueologia encontra para desenterrar a história do povo pobre das aldeias, do cotidiano da vida simples.

Muito mais fácil é encontrar monumentos que falam das conquistas dos reis e dos impérios. E o presente caso não é exceção. A Estela de Dã fala essencialmente das conquistas de um rei (Hazeel), suas proezas e guerras. Com certeza, Milton Schwantes perguntaria: e as vítimas, onde estão? Onde estão os jovens que morreram nas guerras para garantir os sonhos megalomaniacos dos reis? Onde está o povo que teve que pagar tributos abusivos para manter as guerras? Onde estão as mulheres violentadas pela guerra? As mães, viúvas, que choram a morte de seus filhos e de seus maridos? Onde estão os órfãos das guerras? Onde está Deus deles? Para isso, é preciso escavar a terra mais a fundo e ler o texto sagrado com atenção redobrada. Tarefa daqueles e daquelas que têm sensibilidade com os pequenos e esquecidos da história.

Referências bibliográficas

- BIRAN, Avraham, NAVEH, Joseph. *An Aramaic Stele Fragment from Tel Dan*. IJE 43, 1993, p. 81-98.
- _____. *The Tel Dan inscription: a new fragment*. Israel Exploration Journal, vol. 45, 1995, p. 1-18.
- DEARMAN, J. A. (ed.). *Studies in the Mesha Inscription and Moab*. Atlanta, 1989.
- GALLEASSO, Vinícius. *A estela de Mesa: uma introdução à arqueologia e à literatura de Moab*. Dissertação de mestrado (UMESP). São Paulo: Umesp, 2008.
- GRESSMANN, H. *Altorientalische Texte*. Berlin: 1926 / 1965.
- HALPERN, B. *The stela from Dan: epigraphic and historical considerations*. Bulletin of the American Schools of Oriental Research, vol. 296, 1994, p. 63-80.
- KAEFER, José Ademar. *Arqueologia das terras da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2012.
- _____. *Un Pueblo libre y sin reyes: la función de Gn 49 y Dt 33 en la composición del Pentateuco*. ABE/44, Estella, Editora Verbo Divino, 2006.
- _____. *Tribalismo na história de Israel: perspectiva ainda válida?* In: *Revista Espaços*, São Paulo: Editora Santuário, vol. 18, n. 2, 2010, p. 169-177.
- IRE, A. *The Tel Dan stela as a piece of royal historiography*. Journal for the Study of the Old Testament, vol. 81, 1998, p. 3-14.
- MURAOKA, Takamitsu. *Linguistic Notes on the Aramaic Inscription from Tel Dan*. In: *Israel Exploration Journal*, vol. 45, n. 1, 1995, p. 19-21.
- NAAMAN, N. *King Mesha and the foundation of the Moabite Monarchy*. In: *Israel Exploration Journal*, vol. 47, 1997, p. 83-92.
- PRITCHARD, J.B. (ed.). *The Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. New Jersey: Princeton University Press, 1969.
- REBDSBURG, Gary A., *On the Writing dwdtyb in the Aramaic Inscription from Tel Dan*. In: *Israel Exploration Journal*, vol. 45, n. 1, 1995, p. 22-25.
- SCHNIEDEWIND, W. M. *Tel Dan stela: new light on Aramaic and Jehu's revolt*. In: *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, vol. 302, 1996, p. 75-90.
- SMELIK, K. A. D. *Converting the past studies in ancient Israelite and Moabite historiography*. Leiden, 1992, p. 59-92.
- YAMADA, S. *Aram-Israel relations as reflected in the Aramaic inscription from Tel Dan*. In: *Ugarit-Forschungen*, vol. 27, 1995, p. 611-625.

José Ademar Kaefer
Jose.kaefer@metodista.br